ANO 9.º — Sexta-feira, 21 de Julho de 1916 — (AVENÇA) — NUMERO 431

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

— (*) —

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—Aveiro

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

EPISODIOS DA GUERRA

—(*)—

A administração militar francêsa bate-se na batalha de Flandres

Ao capitão da administração militar, lente da Escola do Exercito, Victorino Guimarães.

A' formidavel batalha do Marne que atirou com os prussianos de escantilhão para a fronteira francêsa, seguiu-se a batalha do Aisne e a esta a de Flandres em que os aliados consolidaram definitivamente as suas posições nos terrenos conquistados ao invasor.

Eram batalhas que duravam semanas, que começavam sem se saber quando e terminavam sem se dar por tal!... As refregas parciais eram ininterruptas, não deixando, por assim dizer, solução de continuidade nessa luta gigante que na generalidade é conhecida hoje por *Batalha de França!*

Tão extensa a sua frente que ocupa toda a fronteira da patria heroica de Bonaparte e de Turénne e tão espantosa a sua duração que tendo começado ha dois anos, continua ainda.

A 18 de Outubro de 1914, os alemães chegavam ás margens do Ysér e o que foi a luta nas diferentes tentativas que os exercitos do kaiser fizeram para atravessar a já agora celebrada ribeira, dificilmente haverá penna de inspirado escritor que possa dela dar a imagem exacta, por mais veementemente que consiga pôr toda a vibratilidade da sua alma de artista no burilado das suas palavras, por mais talentosa, por mais sugestiva e colorida descrição em que conseguisse materialisar as arrojadas concepções do seu pensamento de previlegiado.

Dificilmente!

Por mais pavorosa que se descreva a morte, a Morte é-o sempre mais do que o proprio Pavor, e não ha côres bastante negras, não ha lutos, não ha crépes, não ha dôr, não ha angustia, não ha estorcer de braços, arrancar de cabelos, esfacelar de carnes, não ha lagrimas bastantes, nem soluços, nem gemidos, nem gritos, nem uivos, com que possa pintar-se fidedignamente em todo o seu incomensuravel horror, a hecatombe inegualavel do Ysér em cujas aguas lodoso-sanguineas, sob a metralha dos francêses, dos inglêses e dos belgas se subverteram em alguns dias, batalhões, regimentos, brigadas, divisões inteiras do exercito alemão!

O que foi essa incomparavel batalha, só tarde poderá saber-se na sua mais aproximada exactidão, quando sob as azas brancas e protectoras da paz, a Historia imparcial, não sentindo já o olhar ofuscado pelos clarões do canhoneio, possa então serenamente, friamente, implacavelmente descrever o que foi a arrancada furiosa dos alemães sobre as linhas do Ysér e paralelamente a épica defesa da pequena ribeira pelos exercitos das nações aliadas.

* * *

O primeiro embate com as tropas alemãs foi terrivel na linha do Ysér.

Ypres éra o ponto de apoio da esquerda francêsa e da direita inglêsa.

Os alemães atacam com forças superiores a linha francêsa e com tal furia que os seus defensores teem de ceder terreno diante da pressão irresistivel do inimigo.

Os seus intuitos são visiveis: romper a linha dos aliados cortando os inglêses, então em pequena força ainda na frente de batalha, bate-los em separado com os restos do valente exercito belga e quiçá obriga-los a reembarcar, ao mesmo tempo que, envolvendo a esquerda francêsa, punham novamente em cheque os exercitos de Joffre e ameaçavam outra vez Paris.

O golpe era de tentar e os alemães não costumam desprezar as boas ocasiões que se lhes deparam.

Para fazer frente ao terrivel ataque do inimigo os francêses tiveram de chamar todas as suas reservas divisionarias.

Reforços perto não ficavam, mas era necessario acudir á situação momentaneamente critica do sector e o general Moussy, seu comandante, não duvidou empenhar nessa decisiva batalha todos os homens de que dispunha.

A batalha é interminavel! Os alemães não cessam os seus furiosos ataques e, heroicamente, hestoicamente, os francêses, exaustos de cançasso, não recúam, não cédem á furia teutonica.

Os atacantes, em numero superior, são revesados na luta incessantemente. Os francêses são sempre os mesmos!

Não teem já reservas para os substituir em algumas horas de descanço.

A um assalto sucede-se outro, a este outro ainda e outro e outro e sempre.

Moussy compreende a fraqueza de alguns dos pontos da sua linha, onde as baixas teem sido numerosas e os seus valentes soldados se encontram extenuados por uma luta que parece eternisar-se.

Vendo a probabilidade duma rutura em qualquer ponto, chama o comandante da sua escolta e ordena-lhe que procure na rectaguarda toda a gente valida que possa encontrar, que a arme e a conduza á linha de batalha.

O oficial parte com os seus dragões percorre a região mas na rectaguarda só encontra oficiaes e soldados da administração militar que se ocupam nos misteres da sua missão; vestir e alimentar o exercito em campanha.

Expõe o oficial ao chefe das intendencias a ordem do general e aquele sem demora mandando reunir os seus soldados que abandonam as oficinas, os depositos, as cosinhas, as padarías, armam-se imediatamente e juntos aos vinte dragões da escolta partem em acelerado para a frente de batalha.

São ao todo 250 homens armados como puderam: uns de espada, outros de carabinas e os encarregados dos talhos armados de machados.

A' sua frente os seus oficiaes!

Vão bater-se como se bate a infantaria ou a cavalaria; vão bater-se como se batem todos os homens quando a Patria está em perigo.

Era outra a sua missão. E' outro o papel da administração militar nos exercitos modernos, e se não é tão brilhante como o dos seus irmãos de armas da infantaria, da cavalaria e da artilharia, nem por isso é menos honroso:

Um exercito, por mais aguerrido e disciplinado que seja, não poderá avançar um passo no teatro da guerra se os seus serviços de administração militar não estiverem completa e convenientemente organisados.

* * *

Dois quilometros para a frente o estrondo inegualavel da batalha que se fére em toda a sua violencia.

Moussy, como ha cem anos Bonaparte esperando em Waterloo o general Grouchy, sondava impaciente a cada momento, com o seu binóculo, os caminhos da rectaguarda, á espera de vêr chegar os dragões da sua escolta com os reforços que pudéssem ter conseguido.

A luta aumenta de furor.

Os prussianos compreendem a fraquesa do seu adversario e procuram esgota-lo completamente para o esmagar.

Mais um assalto, mais outro, á granada, á baioneta e um pouco ao sul de Ypres, a linha francêsa começa a inflectir-se, a recúar, a curvar-se e rompe-se por fim...

A encarniçada pelêja travava-se ali com um regimento bavaro que se precipita pelo boqueirão em gritos de féra, em uívos de chacal, no antegoso de uma vitória certa e decisiva.

Moussy, os olhos esgazeados, os cabelos em pé, vê a catastrofe e vê que não tem um soldado com que possa tentar laquear a arteria tão funestamente rôta.

Olha com pavor para a rectaguarda por onde avançam já os soldados teutões e quando esperava assistir aterrado ao desbordar da onda assoladora, sem entraves nem resistencia, vê surgir repentinamente na sua frente em passo de carga a brava coluna dos soldados da intendencia que inopinadamente, aos brados de entusiasmo dos seus oficiaes, caía a fundo sobre a testa do regimento bavaro que se detem, vacila, desorganisa-se e começa a retroceder!

A golpes de machado, a tiro, á espadeirada, os valentes soldados da administração militar francêsa, com os poucos dragões da escolta do general, atacam num desesperado arranco o regimento bávaro, que debanda aterrado ante este ataque de nova especie, em que vê dezenas dos seus homens com as cabeças e os peitos rachados a machado ou esborrachados á coronhada das pequenas carabinas tão facilmente manuseaveis.

A galope com o seu estado maior, o general Moussy saivo, entusiasmado, parte a pôr-se á frente da pequena coluna, animando-a com a sua presença e com a sua voz.

Mas a luta pouco se prolonga. O regimento bávaro dezimado e desmoralisado, debanda numa fuga louca, deixando o chão juncado de centenas dos seus abatidos a machado, cortados meio a meio e regressa em pequeno numero ás suas linhas, tendo perdido nas mãos dos francêses quasi todo o seu armamento e um terço do seu efectivo prisioneiro.

Moussy deveu aos bravos oficiais e soldados da admiuistração militar, nesse dia, a gloria do seu nome e a vitória de Flandres.

Humberto Beça

Da Junta Patriotica do Norte

Caso a censura a isso se não oponha, o nosso director descreverá num ou mais artigos as suas impressões colhidas na visita que fez esta semana ao campo de concentração militar de Tancos, conhecido agora em giria de caserna pela cidade de *Pau-Lona*. A seguir dirá tambem algo do que viu e observou no rapido passeio que prolongou á formosa cidade de Thomar, que o rio Nabão embeleza e fertilisa, tornando-a uma das terras mais pitorescas de Portugal. Isto, é claro, se a censura se não opozer á primeira parte.

Dr. Lopes de Oliveira

Dão-nos conta os jornais de Oliveira de Azemeis de ter ha dias tomado posse do logar de medico municipal efectivo daquele importante concelho, o nosso querido amigo, velho republicano, dos mais desinteressados e intemeratos e distinto colaborador, dr. José Lopes de Oliveira.

Com imenso jubilo recebemos esta agradavel noticia, pois de ha muito que apreciamos as excelentes qualidades do nomeado, quer como medico, quer como cidadão, quer como politico, qualidades que o tornam querido e estimado de todos, impondo-o à consideração publica como homem de consciencia recta, limpido caracter e extremamente bondoso.

O dr. Lopes de Oliveira, querendo vêr á roda de si alguns dos seus amigos, conseguiu que os dr. Sá Couto, dr. Amorim de Lemos, dr. Antonio Freitas, dr. Anibal Freitas, Mario Guimarães, Antonio Soares de Oliveira, Joaquim José de Oliveira e Silva, Francisco Soares Pinheiro, Antonio Gomes Correia, João José da Costa, Cipriano Martins Pacheco, Abilio Henriques Martins, José Martins Pacheco, João da Silva Costa, Francisco Alves Martins, José Andrade Serodio, Emidio Soares de Arêde, Jacinto José da Sílva, Manuel da Silva Praça, Antonio Leite de Rezende, Francisco da Cunha e Silva, Baltar Henriques Martins, Antonio Nunes, Manuel Paiva e Joaquim Nunes, se reunissem em jantar intimo comemorativo do acto de justiça praticado pelo municipio oliveirense, e que tendo decorrido no meio da mals comunicativa alegria, terminou por uma série de brindes enaltecedores todos das virtudes, integro caracter e probidade do anfitrião.

Um grande abraço ao dr. José Lopes de Oliveira dos que trabalham no *Democrata* e que com ele ha muito se solidarisaram.

Junta Geral do Distrito

Na sua sessão extraordinária pratica um acto de justiça

Barbosa de Magalhães novamente em fóco

Convocada extraordinariamente para reunir no sábado, a Junta Geral do Distrito de Aveiro realisou com efeito a sua sessão sob a presidencia do sr. dr. Antonio da Silva Carrelhas, secretariado pelos procuradores dr. João de Melo e Manuel Lopes da Silva Guimarães.

Os assuntos a tratar eram apenas dois: escolha do presidente da comissão executiva para substituir, nos seus impedimentos, os drs. Marques da Costa e Samuel Maia e dar cumprimento ao artigo 50.º da lei n.º 621 de 23 de Junho ultimo.

Depois dum ligeiro incidente levantado pelo procurador de Ovar, dr. Santos Sobreira, imediatamente foi resolvido que ao sr. Antonio Carlos Vidal se déssem plenos poderes para representar a Junta sempre que isso seja necessario, passando-se desde logo á segunda parte da ordem, que principiou pela leitura dos seguintes documentos:

Ex.mo Sr. Presidente e Vogais da Junta Geral do distrito de Aveiro

Francisco Ferreira da Encarnação, empregado do Governo Civil d'Aveiro, vem perante V. Ex.ª expôr e requerer o seguinte:

Tendo esta Junta aberto concurso para o lugar de chefe da sua secretaría, nomeou para o exercicio desse cargo o cidadão padre Paulo Pereira Guimarães, e contra essa nomeação o suplente, que tambem concorrera, reclamou para a auditoria do distrito, que lhe deu provimento, anulando esse concurso, por não ter sido aberto nos termos do art. 84.º do Codigo Administrativo. Da respectiva sentença recorreram para o Supremo Tribunal Administrativo esta Junta e o nomeado Padre Guimarães; mas desse recurso tanto o nomeado como esta Junta resolveram desistir e desistiram, tendo essa desistencia sido julgada já por acordãos que transitaram em julgado.

Daqui resultam que ficou subsistindo a sentença do Mer.mo Auditor, que anulou o concurso, e que, em obediencia a ela, deve esta Junta resolver abrir novamente concurso para aquele cargo, nos termos do cit. art. 84.º.

E' isto o que o suplente vem requerer, confiado no espirito da legalidade e da justiça, que sem duvida anima este corpo administrativo.

Constou, porêm, ao suplente que aquele cidadão Padre Paulo Guimarães tem a pretensão de que esta Junta lhe aplique o art. 50.º da Lei n.º 621 de 23 de junho ultimo; e embora ao suplente se afigure sem a menor razão de ser tal pretensão, não quer deixar de vir apresentar a V. Ex.as as seguintes considerações:

Essa disposição legal estabelece que possam ser convertidas em definitivas as nomeações de funcionarios interinos ou provisorios das Juntas gerais dos distritos, camaras municipais e administrações do concelho, que á data da publicação da lei, tenham dado provas da sua aptidão e dedicação á Republica, salvo havendo ofensas de direitos de terceiro, ou qualquer reclamação ou concurso pendente ácerca dessas nomeações.

Ora, supondo que o referido Padre Guimarães está nas condições exigidas por esse artigo, o que nem por hipotese se admite, e sem necessidade de notar que á data da publicação da lei ainda estava pendente o recurso desta Junta e do Padre Guimarães, o que não acontecia, por isso que ainda então não tinham passado em julgado os acordãos que julgaram a desistencia do mesmo recurso, certo e indubitavel é que a nomeação do referido Padre Guimarães não era interina ou provisoria, mas sim era definitiva; foi feita por concurso.

Logo, como converter em definitiva uma nomeação, que já o é?

Alem de ilegal seria absurdo, impossivel!

De mais tendo o concurso sido anulado, já não ha nomeação alguma; o referido Padre Guimarães já não é empregado desta Junta.

O lugar está vago; e ha por isso que abrir novamente concurso nos termos da lei e em obediencia á douta sentença do Mer.mo Auditor deste distrito.

Isto pretende e requer o suplente e

E. D.

O Advogado,

José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães

Ex.mos Senhores

Paulo José Pereira Guimarães, casado, residente em Esgueira, nos termos do art. 50.º da lei n.º 621 de 23 de junho do ano corrente *(Diario do Governo* n.º 126 da mesma data), vem expôr o seguinte:

E' o requerente, desde a criação da Junta Geral do distrito, seu secretario interino, cargo em que tem dado provas de aptidão e competencia e de dedicação á Republica.

Nos termos do citado artigo daquele diploma teem de ser convertidas em definitivas as nomeações de funcionarios interinos das Juntas Geraes de distrito que, á data da sua publicação, tiverem dado provas da sua aptidão e dedicação á Republica, *salvo havendo ofensa de direitos de terceiro ou qualquer reclamação ou recurso pendente ácerca dessas nomeações.*

Em respeito e obediencia á lei, deve o requerente vêr convertida a sua nomeação de secretario interino, em secretario efectivo. E, Ex.mos Senhores, nem se diga que ha, na sua nomeação, ofensa de terceiro, nem que o requerente está excluido do favor da lei por haver recurso pendente.

Nenhum individuo concorreu ou pretendeu o logar de secretario interino desta Junta; nenhum individuo, alguma vez, se julgou com direito ao cargo que o requerente tem exercido, e não consta que, até hoje, qualquer deduzisse os seus direitos a tal logar.

Não ha pendente qualquer reclamação. Não ha pendente qualquer recurso sobre a nomeação do requerente *para o cargo de secretario interino da Junta Geral do distrito de Aveiro.*

Aberto concurso para o provimento *definitivo* do logar de secretario desta Junta, foi nomeado o requerente. Desta nomeação *(secretario efectivo)* houve recurso, e a auditoria do distrito julgou nula a respectiva deliberação (sentença de 29 de fevereiro de 1916), por se não ter atendido ao disposto no artigo 84.º da lei de 7 de agosto de 1913.

Em face do que, e em sessão de 11-3-916, a Comissão Executiva da Junta Geral *nomeou novamente o requerente chefe interino da secretaria* (Doc. juntos), ao par e passo que, com o requerente, recorria para o Supremo Tribunal Administrativo.

Assim, pois, desde 11 de março de 1916 que o requerente serve novamente o logar de chefe interino da Secretaría da Junta Geral do distrito de Aveiro, que tem servido com competencia, zelo e dedicação. (Doc. juntos).

Da dedicação do requerente á Republica parece que ninguem póde duvidar. E' bem conhecida a sua vida! (Doc. junto).

Os recursos para o Supremo Tribunal de Justiça foram desistidos: um por acordão de 14 de junho p. p., outro por acordão de 21 do mesmo mez. Transitaram ambos os acordãos em julgado. (Doc. n.º 2).

Pensa o requerente que alguem, interessado no seu prejuizo, e querendo iludir a clara disposição da lei, que é o art. 50.º já citado, deduz que não tendo transitado em julgado, antes de 23 de junho (data da publicação da lei) os acordãos de 14 a 21 de junho que atraz se referem, não é aplicavel ao requerente aquele beneficio *pois havia recurso pendsnte.*

Ora:

Para que o art. 50.º da le i de 23 de junho p. p. não aproveitasse ao requerente seria preciso:

a) ou que houvesse ofensa de direitos de terceiro;

b) ou que houvesse qualquer reclamação sobre a sua nomeação para secretario interino da Junta Geral do distrito de Aveiro;

c) ou que sobre essa nomeação *(a de secretario interino)* (resol. de 10-1-914 e 11-3-916) *houvesse recurso pendente.*

A que nomeações se refere o artigo 50? *A's nomeações de funcionarios interinos ou provisorios.*

Logo:

a) demonstrando o doc. n.º 3 que á Junta Geral do distrito de Aveiro não foi feita qualquer reclamação sobre a nomeação do requerente, tomada em 10-1-914 ou 11-3-916 para secretario interino da mesma Junta;

b) demonstra o doc. n.º 4 que não houve qualquer recurso sobre a mesma nomeação, pois o que houve foi só da sua nomeação para chefe efectivo.

Estando o requerente nos precisos termos da lei para vêr converter em definitiva a sua nomeação interina

P. a V. Ex.as Senhores Presidente e procuradores á Junta Geral do distrito de Aveiro, se dignem dar cumprimento á lei, nomeando o requerente secretario efectivo desta corporação.

E. R. M.

O requerente declara que onde se chama ao seu logar, o de secretario interino da Junra Geral do distrito, se deve lêr chefe de secretaría interino, e que o lapso foi do individuo que este requerimento escreveu.

(a) **Paulo José Pereira Guimarães**

Concedida a palavra aos procuradores que déla carecessem para emitir a sua opinião, ponderou o sr. dr. Santos Sobreira que o logar devia realmente ser posto a concurso em conformidade com o requerimento do sr. Barbosa de Magalhães não apresentando contudo quaesquer argumentos logicos ou convincentes que destruissem a letra do artigo 50.º da lei n.º 621 visto ser muitissimo clara e expressa:

São convertidas em definitivas as nomeações de funcionários interinos ou provisórios das juntas gerais do distrito, câmaras municipais e administrações de concelho, que á data da publicação désta lei tivérem dado provas da sua aptidão e dedicação á Republica, salvo havendo ofensa de direitos de terceiro ou qualquer reclamação ou recurso pendente ácêrca dessas nomeações.

A seguir, o sr. dr. Antonio de Pinho mostra em poucas palavras o direito e a justiça que assiste ao chefe interino da secretaría, Paulo Guimarães, requerendo a sua nomeação definitiva, ao abrigo da lei e o nosso director estranha que tendo sido o sr. dr. Santos Sobreira um dos procuradores que reconheceu ainda ha pouco no requerente todos os requesitos indispensaveis para o desempenho do cargo, agora se apresentasse inteiramente do avesso ou a crear dificuldades á sua nomeação, quando, como bacharel em direito, muito bem devia saber que a questão juridica já não póde subsistir, com tanta clarêsa se acha redigido o decreto que aproveita ao segundo suplicante, que desde a instalação da Junta lhe vem prestando os serviços que todos conhecem.

Mais um curto dialogo entre alguns procuradores e o sr. presidente põe á votação o requerimento do sr. Paulo Guimarães a quem todos os procuradores presentes dão o seu voto, excepto o sr. dr. Santos Sobreira, que continua a defender a doutrina avariada do sr. Barbosa de Magalhães. Quer dizer: a favor da justiça e da razão votaram os srs. dr. Antonio da Silva Carrelhas, dr. João Evangelista de Sá Pereira e Melo, Manuel Lopes da Silva Guimarães, dr. Antonio Fortunato de Pinho, dr. Sá Couto, Augusto da Cunha Leitão, Manuel de Oliveira Costa, Carlos de Melo Vaz Pinto, dr. Samuel Maia, Elisio Filinto Feio, dr. Eugenio Sampaio Duarte, Antonio Maria de Matos, Antonio Carlos Vidal e Arnaldo Ribeiro; contra, só o sr. dr. Antonio dos Santos Sobreira, que assim demonstron quanto se achava identificado com as opiniões do sr. Barbosa de Magalhães, talvez por efeito da tarracha, visto como não é segredo para ninguem terem alguns procuradores recebido cartas daquele inclito marechal democratico para se pronunciarem contra o estatuido no artigo 50.º da lei n.º 621, sob pena de . . . dissolução da Junta!

Brr!!!

* * *

Entre os poucos *mirones* que assistiram á sessão pairou na sala uma ave negra, de olhos encovados, que a todos deu nas vistas pelo tom lugubre do seu aspecto. Era o fiscal da contenda travada entre o Direito e a Razão contra a iniquidade que se pretendeu mais uma vez fazer triunfar. Ao vêr o resultado, pestanejou, sorriu cinicamente, encolheu o rabo e... foi-se embora...

Atraz, o ex-procurador do Santissimo de Esgueira, seguia lhe o rasto...

E' claro que, com relação a vergonha, ficaram todos com aquela que teem, soberba para enfrentarem os duros golpes que só gente de caracter é capaz de lhes infligir.

E este foi um deles.

As reinspecções

Após as resumidas considerações feitas no ultimo numero do *Democrata* ácêrca do que se passa relativamente a este assunto, apareceu afixado nos logares publicos um novo aviso concebido nos termos seguintes:

Distrito de Recrutamento n.º 24

EDITAL

Por ordem da Secretaría da Guerra previnem-se todos os individuos com mais de 20 e menos de 45 anos, que foram isentos definitivamente e condicionalmente pela Junta do recrutamento do mesmo distrito, desde o dia 23 a 29 de Junho findo (inclusivé), a comparecerem desde já na Secretaria do referido distrito, das 11 ás 15 horas, para lhes ser entregue a cedula de inspecção com indicação do dia em que devem ser presentes á Junta de Revisão da 5.ª Divisão do Exercito em Coimbra, que deve funcionar em 19, 20, 21, 24, 26 e 27 do corrente. Quartel em Aveiro, 14 de Julho de 1916.

O Sub-chefe,

Augusto Ferreira

Capitão do quadro da reserva

Vamos então lá a vêr o que sáe disto tudo. Vamos a vêr e depois falaremos, se por acaso os resultados não corresponderem á espectativa nem fôrem de molde a justificarem os sacrificios que a nação está fazendo para uma obra, debaixo de todos os pontos de vista, util e patriotica.

"Atlantica,,

Para o anuncio desta companhia de seguros de toda a especie, que hoje inserimos no logar proprio e cujo representante em Aveiro é o nosso amigo, sr. Antonio Marques da Cunha, chamâmos a atenção dos leitores do *Democrata*.

Notas mundanas

Completa hoje as suas 9 primaveras a menina Maria das Dores, galante e estremecida filha do nosso velho amigo, dr. Abilio Marques, medico dos mais considerados no concelho de Aveiro, com consultorio na Costa do Valado.

Por tão faustuoso dia felicitâmos sincéramente tanto a aniversariante como seu bom pae, desejando áquela um futuro perêne de felicidades.

Acompanhada de seu filho, esteve nesta cidade a esposa do nosso antigo assinante de Anadia, sr. Adriano Cancela.

Partiu com sua familia para S. Pedro do Sul, o acreditado industrial sr. Manuel Barreiros de Macêdo.

Estiveram entre nós o sr. Manuel Simões Capão Junior, de Azurbeira, e dr. Joaquim Pinto Coelho, de Espinho.

Está na Costa Nova o sr. Alberto João Rosa, e é esperado na Barra o sr. Antonio Fernandes Neves, e sua familia, vindo de Lisboa.

PELA IMPRENSA

"Atlantida,,

Em nosso poder o n.º 9, agora publicado, deste artistico mensario, literario e social para Portugal e Brasil superiormente dirigido pelos ilustres escritores dr. João de Barros e João do Rio.

Como sempre traz o *Atlantida* colaboração esmerada que se impõe devido aos nomes que a firmam, como Teofilo Braga, Henrique Lopes de Mendonça, Candido de Figueiredo, Aquilinio Ribeiro, Jaime Cortezão, Julio Brandão, Ramada Curto, etc., continuando por esse facto a ter a mais larga aceitação e decidido apoio no meio intelectual dos dois paises a que se destina.

A parte artistica tambem é admiravelmente cuidada pelo que nada falta á valiosa revista para viver e prosperar.

"Os Sucessos,,

Entrou a semana finda este hebdomadario, fundado e dirigido pelo sr. Marques Vilar, no 28.º ano de publicação. E' uma idade já muito regular, que tem atravessado não livre de contratempos e por isso o felicitâmos, enviando lhe os nossos parabens.

"O Povo de Agueda,,

Voltou a colaborar no orgão evolucionista de que foi director o nosso velho amigo dr. Abilio Napoles, o que registâmos com intima satisfação, apezar de militarmos em campos partidarios diametralmente opostos.

"O Distrito,,

Repêso e contricto como manda a santa madre igreja, aquele jornal reconhece e confessa a pesada grosseria da frase com que entendeu distinguir e classificar a vereação municipal desta cidade, a proposito do alinhamento da rua de Arnelas. A nossa lição serviu-lhe, por quanto ela foi dada de maneira a calar no espirito do mais bronco! O arreganho e a pimponice com que o *Distrito* retorquiu á nossa primeira observação, fazendo gala até em epigrafar com a referida frase, as aleijadas e ridiculas palavras com que pretendeu manter a razão delas e ainda o seu procedimento; tal arreganho, diziamos, desapareceu e, emendando a mão, aparece-nos agora conciliador e arrependido pela sua atitude que num largo arrazoado tenta desculpar.

Se as razões justificativas de tais considerações feitas agora tivessem sido ponderadas na devida oportunidade, teria o *Distrito* evitado o tristissimo papel que nesta questão representou, improprio de quem pelos seus conhecimentos e pela sua propria situação pessoal tinha e tem o indeclinavel dever de saber intervir e discutir qualquer assunto.

Tudo quanto no seu ultimo numero diz o *Distrito* ácerca do caracter e qualidades dos membros da vereação municipal, ou sejam bachareis formados ou simples cidadãos, mourejando pela vida em qualquer mister, não é novidade para ninguem.

Esse é o conceito que de todos geralmente se faz, e foi por isso mesmo que mais ofendéu a dureza da fraze empregada, que irreflectidamente—vá lá por complacencia o adverbio—o *Distrito* quiz fazer vingar!

Arrependeu-se? Arripiou caminho e dá a mão á palmatoria? Só nos resta congratular-nos com o resultado da nossa sabatina respeitante aos deveres e obrigações que as praxes estabelecidas impõem a um jornal e ao seu director e ás consequencias que provieram da fórma clara e positiva como pozémos a questão.

Queixa-se o *Distrito* de insinuações nossas e de nossas pequeninas calunias! Tem graça e não ofende! Pois que torpeza maior do que aquela com que tão infeliz e despropositadamente o *Distrito* se lembrou ferir-nos, insinuando que tentávamos esquivar-nos das nossas obrigações de cidadão como soldado?

Respondemos á letra. Doeu-lhe? Póde ser que aproveite com a lição e vai aprendendo á sua custa.

De resto, a remessa do leitor para a leitura dumas considerações com que estigmatisamos uma velha *troupe* de eméritos malandros que ha muito assentaram arraiaes por aqui, como se essas palavras fossem aquelas com que nos retorquiria o casto fradalhão, lembranos as observações ameaçadoras de qualquer rapazelho a quem se aplica um correctivo: *verás quando passares pela porta da minha mãe que meu pae é policia!...*

Nunca em troca de couces se deram beijos...

Sirva o caso de exemplo para o futuro e... adiante.

TOURADA

Promete ser deslumbrante a que se anuncia para domingo na praça do Rocio, com uma quadrilha composta de amadores, todos rapazes distintos e em beneficio do hospital desta cidade.

Alem dum grupo de estudantes de Coimbra, ao qual se destinam dois touros que serão rigorosamente lidados á espanhola, entram no toureio os srs. Aristides Couceiro, Eduardo Perestello, D. Pedro de Bragença, Mario Faria Duarte, Martinho Ribeiro, Francisco Caldeira, Jorge Metelo, José de Souza, Alvaro Faria, Henrique Brito, Ricardo Gaioso, Firmino da Costa, Alberto Casimiro, Manuel Prata, etc., etc.

A direcção da corrida está a cargo do conhecido *sportman* Mario Duarte e a avaliar pela procura que os bilhetes já teem tido na *Casa da Costeira*, onde se encontram á venda, é de presumir que a enchente seja colossal atendendo não só ao fim a que se destina o produto liquido do espectaculo, mas ainda aos elementos que nele entram, segura garantia duma tarde bem passada.

Cartas intimas

Minha saudosa amiga

Antes de mais nada agradecer em nome do doente—pedido por ele especialmente feito—o teu interesse pelas suas melhoras e ainda a indicação do miraculoso medicamento que, de facto, produziu resultados surpreendentes! Não havia nas duas farmacias desta *Parvónia*, sendo necessario vir de Coimbra. Pena foi porque assim se prolongou por mais algumas horas o doloroso sofrimento do meu querido papá e teu sincéro amigo. As dôres com efeito desapareceram á terceira dóse mas a fraqueza e ainda uma grande inchação no joelho impede-o de levantar-se.

Todavia, minha boa amiga, consegue o doente descançar e assim a mamã, que está muito abatida, repousar tambem.

E' sem duvida um grande triunfo devido á cuidadosa indicação da nossa dedicada amiga. A mamã pede-me que em seu nome te envie ternos beijos de gratidão e de amizade.

Aqui fica satisfeito o pedido que de todo o meu coração corroboro tambem.

Tratado este ponto—principal como o considéro—vamos cá ao ajuste de contas a proposito das ternas e largas considerações feitas á custa duma paixão que a minha sentimental amiguinha pretendia desvendar nas palavras com que eu comentava a pessoa do dr. A. F. Louvaveis, sem duvida, os teus desejos e muito os agradeço assim como a decidida boa vontade com que aspiras vêr-me feliz no teu modo de sentir.

Mas toda a tua ermeneutica se desfaz contra a dureza da realidade, como as vagas impetuosas e soberbas de encontro aos rochedos da costa. Generosa e boa, de sentimentalidade delicada e sensivel, por o teu coração médes a ternura do dos outros e imaginas que nenhum deles será capaz de abrigar a ruindade dum sentimento que por principio nenhum cabe no teu! Antes assim fosse minha boa amiga!

Ha todavia excepções! Não sou tão pessimista ou tão septica que meça tudo pela mesma fórma.

A sociedade em geral mantem-se no desempenho constante dum grande drama com várias e multiplas fáses tragico-comicas e a nós emquanto não chega a hora fatal da nossa entrada em scena, cabe-nos o dever de preparar o melhor possivel a nossa aparição no vastissimo palco da vida! Argumentarás que todas essas previdencias e preocupações matarão a flôr do sentimento que se quer desabrochada sem outra precaução mais do que aquela que nos impõe a nossa dignidade de mulher!

Sim, minha querida amiga, tudo isso é belo em teoria e em laudas esfusiantes de sentimento, no romancesinho piégas, ou mesmo, até, nas inemitaveis paginas escritas por Victor Hugo, Pinheiro Chagas, Julio Dantas e nos sonetos inegualaveis de Luiz de Camões!

As Natércias porêm acabaram, minha amiga, e os seus verdadeiros cantores desapareceram! Hoje é quasi tudo—amor barato—amor fancaria—para o inicio do qual, se traz na carteira a epistola esfusiante de paixão que qualquer cinico escreveu com calculada frieza, em aberta briga com o calor da expressão empregada, pronta para ser entregue na primeira oportunidade!

Contudo não os queria tambem todos Othélos, ainda que brancos como jaspe, pensa nisto.

Quere-los-ia porêm sincéros, verdadeiros, amando-nos positivamente, subordinando o seu sentimentalismo a um unico objectivo, a um determinado fim—á mulher escolhida.

Mas tu nada disto vês em tão grande numero que possas facilmente indicar. São raros exemplos desta natureza.

De resto a preocupação masculina é a conquista da mulher, conquista que quanto mais escandalosa fôr, tanto mais exalta o autor da proeza! Vae nela a reputação da mulher, o bom nome duma fa-

milia, a dignidade dum pae, dum irmão, mesmo dum marido? Mais motivo para se pavonear da acção o protogonista miseravel! E' por isso minha amiguinha que até agora o ilustre bacharel A. F. apezar das suas qualidades fisicas e de espirito, é para mim absolutamente indiferente.

Ainda ha dias em casa das T. revelou-se o cavalheiro em questão num intimo familiar de Chopin, Wagner, Listz, Schumann, Bethoven e tantos outros grandes mestres. Se ele for tão conhecedor dos codigos como das composições executadas, digo-te que é um magistrado excepcional. Mas, minha rica amiga, tudo isto que admirâmos e que muitas vezes serve para impôr o homem ao nosso espirito, são exterioridades perigosas e tentadoras que a maior parte das vezes só serve para a realisação duma desventura. No dia em que recebi a tua carta, como todas as outras, lida sempre com um alvoroço de espirito agradavelmente impressionante e pelas quais tantas vezes avalio a elevação dos teus sentimentos e a candidez do teu coração, li tambem no *Janeiro*, que o papá assina, a explendida cronica —*Quintas-feiras!* Chamo para ela a tua atenção. E' de 12 do corrente. Que formidavel libelo contra as tuas teorias! Que desapontamento, que fulminante comentario a toda a tua doutrina! E' uma carta que o espirito brilhante do autor da cronica, Julio Dantas, põe na penna duma Mary que, casada ha vinte meses, se queixa das suas infelicidades conjugais a uma sua amiga. Essa Mary vê desfeitas como fumo todas as sonhadas venturas que a levaram aos braços do homem que escolhera para marido. Disso se queixa á sua amiga, entre amarguradissimas resoluções, até aquela que implica o seu regresso á casa paterna. Eu compreendo, minha boa amiga, a grande mágoa deste córação que se sente mais que retalhado, escarnecido. Pézo o desespero trazido pela humilhação a que foi submetida esta infeliz creatura. E só por aproximar-me um pouco mais da possivel realidade desse facto, eu sinto-me mal, enervada, numa disposição de espirito tal que se em verdade fosse ferida assim, não sei, não calculo até onde me levariam os meus nervos! A amiga consultada, numa transigencia com que não concordo, com uma submissa identificação com o cinismo e a depravação moral da sociedade e dos homens, confessa-lhe que no terceiro mez de casada foi desfeita como uma nuvem a ilusão de supôr que haveria um marido fiel e esse marido era o seu! Mas da carta só desejo destacar duas frases que são a pedra de toque desta conversa, o argumento poderosamente auxiliar e comprovativo de quanto digo e penso sobre este assunto. *O homem é um animal essencialmente infiel*, opinião da amiga consultada que outra dama —*miss* Davidson comenta assim: *E' a unica coisa que o distingue do cão!*

Não te revoltes contra as autoras das frases citadas, nem contra mim. Mas, minha querida, tens de render-te á evidencia dos factos, tem paciencia. Contudo, deixa dizer-te: os meus mais ardentes votos são para que nunca tenhas justificado motivo de pensares e dizeres o contrario de quanto até hoje tens empregado na defeza de esse principio de sonhadora peninsular!

E agora reparo que quasi não tenho papel para te falar ainda de várias cousas. O primo diz num postal recebido ha dias, que fará o possivel de, no regresso, passar por aqui. Dá conta de ter recebido mirabolantes informações respeitantes às *filhas de Maria*, muitas das quais desejam ser... mães, cançadas já daquela designação. Pelo que me dizes vejo que o beaterio alvorotado não se enfastia, nem se esgota na execução constante de festas e novenas a todos os santos e santas da côrte do Céo!

Até em Verdemilho! Nazarét, Egyto—mundo infinito, etc., como dizia o poeta! E as tias a darem o corpinho ao manifesto, tudo para a salvação das almas. O que vejo é que todo esse desaforo e exagero está a pedir uma trovoada benéfica e purificadora, acabando com esse estendal de vergonhas, acompanhadas a orgão e a gritos estridentes das várias Marias Piolhos (!!!) que se espremem quer no côro de Santo Antonio, quer na capelinha de S. Tomé, perdida nos formosos campos de Verdemilho!

Não é por aí que fica uma outra igrejinha da invocação da Senhora das Dôres? Conta-me tudo que fôr ocorrendo e diz-me alguma cousa sobre os teus vestidos. Esperas por mim para fazê-los? Não t'o aconselho porque é tudo problematico quanto se tenha pensado sobre a nossa saída.

Infindos beijos e não menos saudades minhas e da mamã. O papá abraça-te e a

Tua muito dedicada

19—VII—1916.

L. T.

P. S.—Vê se não deixas passar na tua proxima resposta as informações do tal *Palma*. De uns vagos rumores posso concluir que é... menino de reconhecidos merecimentos. Adeus, adeus.

Pelos correios

—=(*)=—

Do ultimo numero do *Camaleão*:

A *Razão* insere no seu ultimo numero um comunicado para que nos chamaram a atenção. Não tinhamos dado por aquilo no golpe de vista lançado de carreira sobre a folha... correligionaria. Diz respeito ao pedido de intervenção que daqui dirigimos ao sr. director dos serviços telegrafo-postais no caso que narrámos do desaparecimento de livros por nós lançados na caixa do correio da cidade.

Parece que a um dos signatarios do escrito, que em fórma de oficio nos foi enviado, não satisfez a exposição correcta que, por descargo de consciencia, posteriormente fizemos. Se lhe houvessemos respondido na mesma linguagem, talvez lhe agradasse mais. Questão de paladar e influencia da escola. Cada um come do que gosta, e nós nem em familia fazemos uzo do prato da cosinha. A cordura, a linha e o aceio dizem bem em todas as mezas. Na nossa é assim.

Se lhe houvessemos dado o direito, por culpa que sem culpa lhe houvessemos atribuido, a que de nós esperasse qualquer outra explicação, não duvidariamos dar-lha. Procuramos sempre saldar com lealdade os nossos compromissos e os nossos deveres. No caso presente a ninguem devemos porque a ninguem maguámos. Queixámo-nos no uzo pleno dum direito, e essa queixa só podia atingir o de nós desconhecido cidadão que do destino que aos livros déramos os desviou. Quem foi? Alguem, positivamente. Onde? Na rua não, que não foi á rua que os lançámos. Isto é assim.

No seu proprio interesse agiria quem, na consciencia do seu zelo pelo serviço publico e da sua inculpabilidade em faltas de que tanta gente se queixa, se esforçasse por descobrir quem de tal modo contribue para o descredito em que tantos teem os serviços dos correios no nosso país. Na classe ha elementos bons, funcionários honestos, a quem decerto repugna a camaradagem com os maus servidores do publico e do Estado. Aqueles na sua grande parte, estes num reduzido numero, mas no numero bastante para produzirem o mal de que se queixa quasi toda a gente. Foi destes que nos queixámos tambem. Quem são eles e onde ir descobri-los? Essa busca é que não é comnosco. A alguem compete. Isso competia fazer antes de mais nada. Isso antes de tudo o mais. E antes assim se houvesse feito.

De resto, nós temos pelas susceptibilidades alheias o mesmo respeito que exigimos para as nossas. Por isso não ferimos as de ninguem. Queixámo-nos. Pedimos providencias. Reclamámos. E continuaremos quando fôr preciso, dôa lá a quem doer.

Mas se por cada reclamação nos podesse ser imposta a obrigação do elogio pessoal aos outros, desistiriamos da empreza. Nem vagar, nem paciencia. E muito menos ainda qualquer consideração ou qualquer direito ás nossas considerações. Temos mais que fazer, mais em que pensar, bem mais e melhor em que empregar o tempo. E disse.

Da *Razão*, de ontem:

Deixe-se o Director do Campeão das Provincias *de desenvolver retóricas e de arquitetar insultos.*

O unico caminho que tem a seguir é o de declarar, como ameaçou no final da sua local Pelos Correios *no n.º 6:488 do seu jornal de 1 do corrente*, onde encaixam os tais pontos nos ii *visto que quem assim fala é porque sabe onde os deve colocar. Não o fazendo passará aos olhos de todos como caluniador que para satisfazer a sua reconhecida vaidade não mimoseada com* umas cabazadas de elogios pela grande obra literaria *que produziu, veio a publico venenosamente insinuar que nós, empregados dos correios de Aveiro*, embasbacados perante a sua fenomenal veia poetica, *para adquirirmos um exemplarsinho dessa* maravilha, *não trepudiamos em ultrajar a propria honra apossando-nos daqueles que—oh ventura!—nos passaram pelas mãos!*

Vá Sr. Vilhena, não tenha medo, reconheça a maldade que presidiu no seu espirito ao escrever aquela infundada local ou venha a publico declinar quem é que no correio de Aveiro lhe tirou os exemplares da sua preciosa obra.

Tenha a hombridade de não usar de subterfugios e tome a responsabilidade dos seus actos como procede todo o ho*mem de bem. E' esse e só esse o verdadeiro caminho a seguir. Não trepide e avance, vá!—Nós pomos ponto no assuuto porque nem tanto merece quem foge á responsabilidade do que lhe sae do bico da pena.*

Aveiro, 16 de Julho de 1916.

João Augusto da Silva Rosa
Virgilio Armando Duarte Silva
Americo Antonio da Cunha Alegria
José Pereira Ruivo
Artur do Amaral Pedroso
João Garcia

A questão está cada vez mais interessante. Vâmos a vêr o que daqui sáe e depois falaremos.

TROVOADA

Poucas vezes esta região tem sido atingida com tanta violencia e duração por trovoadas, como aquela que na passada terça-feira nos visitou. Os relampagos, em todas as direções, sucediam-se com rapidez vertiginosa, ribombando o trovão com formidavel estampido, alarmando a cidade que desde cêrca das 21 ás 24 horas sofreu os efeitos da extraordinaria conflagração atmosferica.

Que nos conste apenas a casa da residencia do sr. José Maria de Oliveira Vinagreiro, da Viéla do Canto, em Sá, foi atingida por uma descarga que derrubou o beiral do telhado e a cimalha da casa, perturbando bastante o referido individuo. Nos condutores de vários edificios caíram outras faiscas, sendo tambem desmoronado todo o muro do lado poente da nova avenida para o hospital, não havendo, que nos conste, nada mais digno de registo.

A chuva foi torrencial e benéfica, caíndo algumas vezes grosso granizo que açoutou com violencia as casas e os campos.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Um desastre

—:—

Automovel que vai de encontro a um comboio em andamento

No sabado preterito e quando passava nas alturas de Eixo, pela linha do Vale do Vouga, o comboio que aqui dá entrada na estação ás 17,34, sucedeu que a toda a velocidade marchava em direcção a Agueda o automovel dizem-nos que pertencente ao sr. Luiz de Melo Pinto, e por ele guiado. A' passagem do nivel estava apenas atravessada uma corrente, que substitue as cancelas, e por isso não tendo esta nenhuma resistencia facil foi pelo automovel galgada para se precipitar de encontro á locomotiva, visto o sr. Luiz de Melo não ter tido tempo de travar o carro logo que a viu assomar nem de fazer qualquer outra manobra que evitasse o desastre, felizmente sem consequencias de maior a não ser os prejuizos materiaes, que foram ainda assim bastante avultados.

O automovel conduzia alem do seu proprietario, uma sobrinha deste, o dr. Albano Pereira, medico, e uma outra pessoa que não conseguimos saber o nome. Todos os passageiros ficaram mais ou menos contusos, tendo vindo receber os primeiros curativos ao hospital desta cidade enquanto outro automovel era chamado para os levar ás suas casas onde continuam em tratamento.

O desastre causou funda impressão em Agueda, tendo ás habitações dos feridos acorrido bastante gente a informar-se do seu estado.

EPISODIOS RELIGIOSOS

—:—

Consta-me que o *Palma* não anda satisfeito da vida, coitado! Sempre o nome dele nos jornais e só o dele! Se ao menos englobassem, se generalisassem, o que era justo, já se não tornava tão reparado. Façâmos-lhe a vontade, deixemo-lo hoje descançar. Quem come ele se esfalfou durante os 55 dias, desprezando o linho, aquela herva, para se dedicar ao cultivo intenso da magestosa arvore do *Coqueiro* deve estar fatigado, precisa de descanço.

Coqueiro? A que especie, familia ou genero pertence semelhante nobreza vegetal?

Coqueiro é uma arvore como todas as da sua familia, apresentando uns certos e determinados caracteristicos que toda a gente nesta terra conhece. Dá-se peor á beira-mar do que nas altas regiões montanhosas. Essa mesma arvore, o *Coqueiro*, que no alto da serra se nos apresenta com todos os caracteristicos de bem vegetar, transportada a esta nossa região, ressente-se e só os muitos cuidados e uma boa póda nos ramos que simetricamente mais se desenvolvem tentando enredar o que está proximo, lhe conservam a vida. (Se fosse planta que o *Palma* podesse cultivar em vaso...)

Não é arvore de jardim, mas de avenidas. Devido ao seu grande desenvolvimento, chega a deitar braços (quando lhos não cortam), como porjexemplo a da Avenida do Governo Civil ao Quartel.

Como vêem, não é bem uma arvore, mas um monstro. As raizes são sugadoras e a caule é franzina e elegante. Ela é sempre bem copada. Nunca lhe vi flôres ou frutos. O *Palma* fazia grandes estudos sobre regas, pódas e enxertias com o fim de conseguir ao menos um fruto que podesse patentear aos olhos de todo o mundo. O *Palma* estudou tambem a planta sob a acção da musica. Estes estudos tinham começado na mesma familia ha já muitos anos por um artista de fama. Esse conseguiu fruto que não expoz, o que equivale a nada ter feito.

Se o violoncelista-rabequista-organista *Palma*, resultado de iguais estudos, conseguisse...

O' *Palma*! O' grande botanico *Palma*! Noite e dia de Maria ele cantaria em seu louvor.

Quim & Necas

Necrología

Com intensa mágoa e dolorosa surpreza para todos quantos avaliavam o seu caracter e qualidades, deixou de existir na passada segunda-feira, após curto mas amarissimo sofrimento o sr. Feliciano Pinho das Neves Aleluia, socio da firma João Aleluia & C.ª, proprietaria da fabrica de louça estabelecida no largo dos Santos Martires, desta cidade.

Na plenitude da vida e na espectativa duma larga existencia, é pungentemente amargo vêr desaparecer assim dentre nós aqueles que tinham conseguido no conceito publico um logar de apreço pelas suas aptidões e qualidades de valor.

O funeral, que foi concorridissimo, evidenciou quanto o extinto era apreciado e querido entre os seus concidadãos, sem distinção de classes.

A seu irmão João, especialmente, assim como a toda a familia dorida, enviâmos a intima expressão do nosso sentimento.

= Tambem ontem se finou em avançada idade, a sr.ª D. Candida de Liz Craveiro, aparentada com as familias Armando da Cunha Azevedo e Silverio da Rocha e Cunha, a quem da mesma sorte apresentâmos condolencias.

Instituições de Previdência

Com este titulo acaba de publicar-se um interessantissimo opusculo de propaganda social, que bem merece ser lido com devida atenção e recolhidamente meditado.

Ocupa-se o opusculo da noção da previdência social; do mutualismo na antiguidade; das modernas associações de previdência humanitária e dos exemplos prodigiosos em defêsa do principio mutualista.

Assim, o magnifico livrinho demonstra o seguinte:

Em 1896 existiram em França 7:696 sociedades de socorros mutuos, abrangendo 1.069:783 sócios (2.66 °|° da população). As receitas eram então de 24.277:513 francos, ou seja na nossa moeda, ao par, 4.370!000$00 escudos, e as despesas 21.642:550 francos, e os fundos de reserva eram 73.000:000 de francos, ou sejam 13:140 contos. Refere ainda o estado de desenvolvimento do mutualismo na Bélgica, Itália e bem assim na Alemanha onde as leis de seguro obrigatório déram ao sagrado principio mutualista um incremento assombroso.

Depois de apresentar outras demonstrações irrefutáveis de beneficios prodigalisados pelo mutualismo, o admiravel opusculo diz estas tristes verdades:

«Infelizmente em Portugal, o espírito de previdência está muitissimo longe dessa generalisação e intensidade que explicam a próspera e maravilhosa prosperidade das associações que o tornam efectivo e de grandiosos resultados em certos países, como a França, a Itália, a Alemanha, a Dinamarca, a Inglaterra, os Estados-Unidos da America, etc.

Milhares, milhões de individuos vivem na absoluta imprevidência. Que cada um interrogue a sua memória, reveja o seu passado e consulte a sua consciência, e encontrará como causa eficiente de desastres e desventuras sofridas e muitas vezes irremediáveis, a sua imprevidência, a sua incúria, o desprêso pelo futuro, a falta da mais singela e mais exequivel precaução.

Porque não havemos de educar-nos na Escola da Previdência? Porque não havemos de precaver-nos contra o infortunio, a que todos estamos sujeitos, acolhendo-nos a uma associação como aquélas a que vimos aludindo!»

Exemplifica depois as vantagens do Monte-pio a *Reforma*, ins-

tituição de previdência fundada no Porto em 1904 e cujo fundo de pensões atinge já hoje uma soma elevadissima, admirando a boa organisação e escrupulosissima administração desta colectividade que, num meio indiferente ou hostil a esta fórma de previdência, e com um pequeno numero de socios, no curto espaço de pouco mais de 11 anos tem a sua existencia consolidada com o fundo efectivo de perto de duzentos e cincoenta contos. E' relativamente muito, e admiravel; mas é pouquissimo para o que convêm á sociedade portuguêsa.

O precioso opusculo *Instituições de Previdencia* enuméra as altissimas vantagens do mutualismo, põe em evidencia incontestavel e insofismavel os enormes beneficios que tem prestado e vem a prestar no futuro o Monte-pio a *Reforma*, que tem uma larga ramificação tanto na metrópole como nas ilhas, e faz um apêlo a todos os portuguêses para que se inscrevam na beneficente instituição, que é o meio eficaz de assegurar o seu bem estar na velhice e o das suas viuvas e filhos.

CORRESPONDENCIAS

Anadia, 16

Vão seguir no correio da noite para Lisboa, a fim de serem tratadas, umas desasseis pessoas, entre creanças e adultos, que foram mordidas por um cão que se supõe estar hidrofobo. Entre os mordidos figura uma menina ainda de peito.

= O calor tem sido enorme nestes tres dias ultimos, com o que a agricultura muito beneficia, pois que o tempo frio e humido que tanto demorou, já contribuia para a falta de producção que se ia a notar.

C.

Oliveirinha, 17

E' devéras vergonhoso o que se está passando neste lugar com os amigos do Deus Bacco, que depois de estarem atestados fazem toda a casta de maroteira: batem ás portas de creaturas honestas por altas horas da noite, atirando pedras aos telhados e insultando com toda a qualidade de blasfemias as pessoas que se encontram entregues ao descanço noturno. Isto advem muito principalmente de algumas tabernas se encontrarem abertas até altas horas da noite.

A' autoridade competente pedem-se providencias a fim de que entrem na ordem tanto os provocadores como os taberneiros, visto não poder continuar semelhante estado de coisas.

C.

Requeixo, 18

Conta-nos pessoa amiga que o *cronista das aldeias*, que no *Riso do Vouga* vem fazendo a critica do regedor de Eirol, Augusto Maia, ou, antes, a sua biografia, disséra no ultimo n.º do jornal citado, e a proposito da contenda havida entre os srs. padre Xavier e Claudio Portugal, que o interesse nos reduziu ao silencio; ou, no entender do informador, que a noticia dada no *Democrata* a respeito de tal contenda, era ou é do correspondente de Requeixo para o *Democrata*.

Não podemos fazer juizo seguro sobre taes informações, escusando dizer que não tivémos a honra de lêr o *Riso*

Seja, porêm, como fôr, o certo é que, se o articulista do *Riso do Vouga* se refere a interesses nossos, temos a responder-lhe de vizeira erguida que errou o alvo em todos os casos, inclusivé, já se vê, a paternidade da noticia do *Democrata*.

Relativamente a interesses nenhum, absolutamente, nos moveu ao silencio que fizémos ácêrca da questão Claudio-Xavier, questão de que, antes de éla vir para a imprensa, apenas tivémos um vago conhecimento, sem que nos fôsse revelado o motivo que lhe deu origem, e neste caso e segundo o nosso habito de não atirar para a publicidade com factos escuros, e ainda por não nos termos avistado com nenhum dos contendores, entendemos, sem deixar de obedecer ao nossó achaque fisico que muitas vezes nos inibe do menor trabalho, reconduzir-nos ao absoluto silencio, mesmo porque, se é certo o que o cronista do *Riso* diz, a pendencia, que lamentamos, teve origem em coisas de religião católica e nós nada entendemos disso. Isto pelo que toca a interesses pessoaes.

Pelo lado material, o interesse fica abaixo de zéro. Ganha um dôce e um bonét de finissima lontra quem provar que tenhâmos recebido meio centávo de remuneração por serviços jornalisticos, e, assim, emprazamos a redacção do *Democrata* a declarar o que sobre este caso se lhe oferecer, bem como se a noticia por ele publicada é ou não de nossa lavra.

Visto não estarmos habilitado a uma resposta mais ampla, se é que resposta temos a dar, terminamos por dizer ao cronista do *Riso* que não aceitamos o repto por modo nenhum, e que, com relação á noticia aludida, (se o informe é verdadeiro) não temos por costume—e nem isso nos sería admitido—envolver a redacção dum jornal em coisas a ela estranhas, o que o cronista do *Riso* não faz, procurando todo o sigilo sobre o que escreve.

Tempo perdido.

Em chegando a vêr a reprodução do biografo diremos da nossa justiça ou injustiça.

C.

N. da R.—Em abono da verdade cumpre-nos declarar, como deseja o nosso obsequioso correspondente de Requeixo, que nem ele inspirou sequer a local aqui inserta sobre a questão por demais debatida, nem tão pouco recebeu alguma vez remuneração pelos seus escritos, o que decerto seria escusado declarar porque não é desses.